



Luís Rey: **uma vida nada monótona**

Fernanda Marques

S

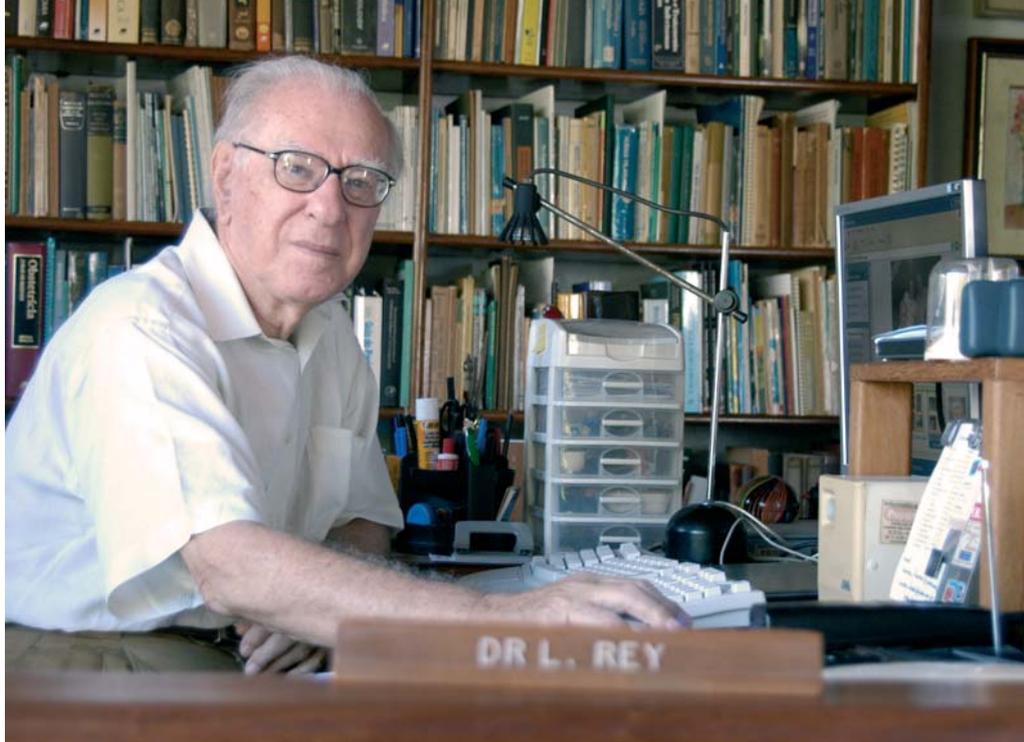
eus livros, como *Parasitologia* e *Bases da parasitologia médica*, usados na formação de incontáveis profissionais, somados às aulas, conferências e orientações feitas nos quatro cantos do Brasil e do mundo, fazem de Luís Rey um professor recordista em número de alunos. Ele não pára: com quase 90 anos, o pesquisador emérito da Fiocruz trabalha na quarta edição de *Parasitologia*. A dedicatória – uma poesia para a esposa – já está pronta.

O segredo de tanta disposição? “Uma vida nada monótona”, resume Rey, que conta suas aventuras no livro *Um médico e dois exílios*. Uma banca de concurso, um seminário, um curso: ele sempre tem algum compromisso. Planeja tirar férias, mas só depois de participar de um congresso de medicina tropical.

No Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fiocruz, Rey chefiou, até 2005, o Laboratório de Biologia e Controle da Esquistossomose. Com alegria, entregou o cargo a uma cria sua, o pesquisador Paulo D’Andrea. “A minha satisfação é constatar que os mais jovens são competentes e tocam o trabalho adiante”, explica Rey, que hoje se dedica, sobretudo, aos livros e trabalha mais em casa.

Mas ele não se afastou da Fiocruz. Acompanha a produção dos colegas, contribuindo com críticas e sugestões. A reciprocidade também é verdadeira: os livros de Rey são avaliados por especialistas da Fiocruz e de outras instituições, que opinam sobre o conteúdo e indicam ajustes.

Vencedora do Prêmio Jabuti 2000, a primeira edição do *Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde* custou seis



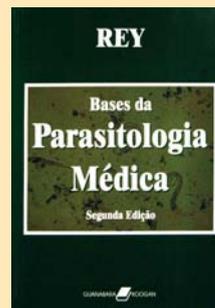
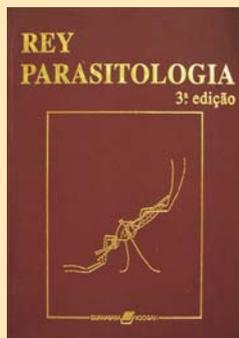
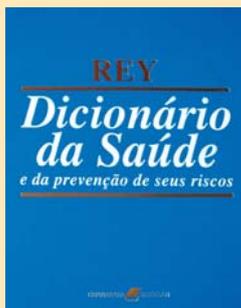
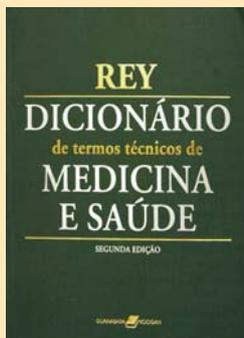
No escritório de seu apartamento, Rey finaliza a quarta edição do livro *Parasitologia*

anos de trabalho e contou com a colaboração de mais de 100 especialistas. Para escrevê-lo, Rey estudou todos os livros hoje adotados nos cursos de medicina do país, bem como outros documentos consensuais. A partir da leitura, identificou os termos técnicos essenciais, inclusive os mais polêmicos, como fome e aborto, e formulou definições concisas, porém completas e articuladas. “Fiz um dicionário como eu gostaria de encontrar nas livrarias e não existia”, garante.

A qualidade do dicionário é atestada pelo chefe do Departamento de Medicina Tropical do IOC, José Rodrigues Coura. “Rey vai ficar marcado por seu dicionário, livro dos mais consultados. Trata-se de uma obra social – todo mundo que tem dúvidas em parasitologia, helmintologia e saúde em geral recorre a esse dicionário. Além disso, muita gente não sabe, mas Rey também foi

o fundador da revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, que é hoje uma publicação importante. Ele é um comunicador, sem dúvida”, define.

Além de seus famosos livros, Rey produziu mais de 40 relatórios para organismos internacionais e governos e publicou mais de cem artigos completos em periódicos e resumos em anais de congressos, entre tantos outros trabalhos. “O Rey teve uma formação excelente. Ele é oriundo do melhor grupo que o Brasil tinha, o grupo do Samuel Pessoa, da USP, que rendeu um número de pesquisadores famosos no país. Foi uma reprodução de líderes. Pessoa era um grande formador e talvez Rey seja seu substituto mais visível, na medida em que o livro de parasitologia do Rey substituiu o do Pessoa”, diz Coura, responsável pela vinda de Rey para a Fiocruz.



Biblioteca Rey: livros que são famosos pela qualidade da informação



Com o avô e as irmãs gêmeas
Carmen e Eusébia

São Paulo, Gurupá, Paris

O pai espanhol e a mãe italiana, imigrantes em São Paulo, esforçaram-se para educar Rey e as duas irmãs. Quando o rapaz entrou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), ganhou do pai um microscópio. Ao concluir o curso, em 1944, foi presenteado com um consultório, que ele usou bem menos do que o microscópio. Afinal, clinicar na capital paulista era pouco para um jovem que queria transformar o mundo.

No consultório, diante dos pacientes – idosos, em sua maioria, e com doença avançada –, o cardiologista se sentia impotente. “Eu prolongava a agonia deles. Não morreriam esta semana, mas nas próximas”, conta Rey. “Eu pensava nas crianças que morrem neste país, mortes que poderiam ser evitadas”, lembra.

Em conversa com o professor Samuel Pessoa, nasceu a ideia de trabalhar na Amazônia, no Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp). Criado em conjunto com os Estados Unidos, que queriam a borracha, durante a Segunda Guerra Mundial, o Sesp já estava sob controle apenas brasileiro quando Rey aterrissou em Belém, em 1946.

O médico foi para Gurupá, vilarejo de apenas duas ruas. Morava no pos-

to de saúde e contava com um barco, para atendimentos em outras localidades. “A Amazônia foi uma aventura. Viajar de embarcação por aqueles rios e paranás, no meio da floresta, era como ouvir música e sonhar”, recorda-se. Mas ele não tardou a descobrir que a prática da medicina ali tinha suas dificuldades.

Em Gurupá, o chiar das árvores anunciava uma queda de temperatura. Certa vez, embora a floresta estivesse silenciosa, Rey sentiu frio: tinha febre. Confirmado o diagnóstico de malária, tratou-se e nunca mais contraiu a doença. Mas seus pacientes não tinham a mesma sorte. “Eu tratava os doentes e as condições de vida deles continuavam as mesmas. Então, contraíam as doenças repetidas vezes”, lamenta.

Emocionado, Rey conta a história de um menino que chegou ao posto de saúde eliminando vermes pela boca, nariz e ânus, mas foi curado. Algum tempo depois, a criança voltou em estado grave. Como Rey não estava – tinha saído para atendimentos em outros vilarejos –, o menino morreu. “A sensação era de inutilidade. Eu fazia caridade, não medicina. Era necessário modificar as condições epidemiológicas”, avalia.

Rey decidiu retornar à USP e estudar saúde pública. O Sesp lhe deu a passagem área Belém-São Paulo, mas o médico desceu em Fortaleza e fez o resto do trajeto de ônibus, trem, barco e até na boléia de caminhão. “Sair do asfalto e ir viver dentro da floresta teve um impacto imenso sobre mim. Eu precisava conhecer o meu país”, justifica.

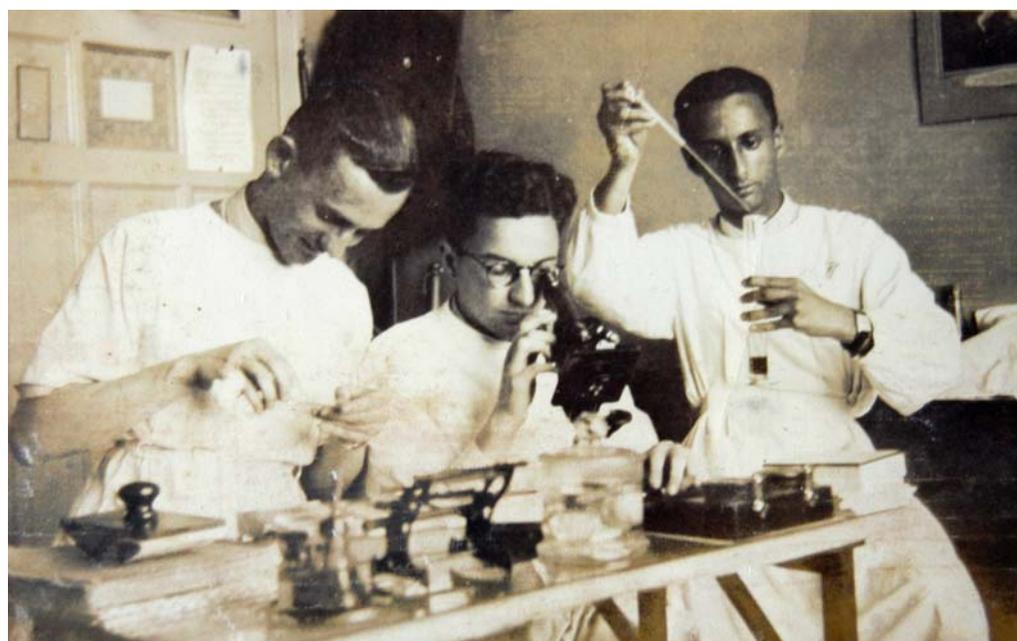
Fotos: Arquivo Pessoal



Rey acompanha a construção
do Hospital das Clínicas

Nessa aventura, atravessou o sertão de Canudos a Salvador e subiu o rio São Francisco de Petrolina a Pirapora.

Já de volta à USP, constatou que os professores sugeriam soluções que não serviam a nenhum dos lugares por onde ele andara. Candidatou-se, então, a uma bolsa do governo francês. Em Paris, provavelmente, os professores também desconheceriam a realidade brasileira. No entanto, havia a esperança de aprender sobre a organização de serviços de saúde, além do desejo de conhecer a Europa.



Rey ao microscópio, em aula prática
na Faculdade de Medicina da USP

Militante do PC

Rey chegou da Amazônia em março de 1948 e em outubro daquele ano já ia partir de novo, rumo à École National de Santé Publique. Os pais respeitaram a decisão. “Eles sabiam que eu tinha a cabeça no lugar. A única coisa que os preocupava um pouco era a minha ideologia”, conta Rey, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) por 12 anos.

Para explicar o início de sua militância no PCB, Rey comenta o desfecho da Segunda Guerra Mundial. “Americanos e ingleses entraram no conflito quando ele já estava quase definido. Eles queriam tomar conta do mercado mundial e esperavam que alemães e russos se destruíssem reciprocamente. Na verdade, foram os soviéticos que decidiram a guerra, ao acabarem com o exército alemão. O avanço russo foi a nossa felicidade”, diz. “A situação mundial forçou, no Brasil, a legalização do PCB e a libertação de Luís Carlos Prestes, que falou em um grande comício no Pacaembu”, lembra. Rey não só compareceu ao comício como ajudou a organizá-lo. Logo depois ingressou na célula do partido que atuava no Hospital das Clínicas da USP. “Saí do PCB quando ele deixou de ser revolucionário”, explica.

Militante do PCB, Rey aproveitou Paris ao máximo. Ao lado dos comunistas, desfilou da Bastilha à Concórdia pedindo a paz no Vietnã. “Foi um dos pontos altos da minha vida”, destaca ele, que viajava muito pela Europa e tinha uma vida cultural intensa.



À esquerda, Rey e Dora, na fila para entrar no Louvre

Em família

A viagem de ida para a França já havia sido uma festa: a bordo de um navio durante mais de 15 dias, fez amizade com outros bolsistas brasileiros, como a geógrafa Dora Wanderley, pernambucana que morava no Rio de Janeiro, onde trabalhava na Fundação Getúlio Vargas. Rey e Dora tornaram-se grandes companheiros e já estavam noivos quando retornaram ao Brasil. Casaram-se em uma cerimônia civil, em 1950. Hoje, moram em Ipanema, em meio a centenas de livros e objetos de decoração trazidos de diferentes partes do mundo.

O casamento só aconteceu quando Rey arrumou emprego. Foi trabalhar na Divisão de Organização Sanitária do Ministério da Educação e Saúde, no Rio. Mas aquele não era o ser-

viço dos sonhos. Por isso, aceitou o convite do professor Samuel Pessoaal para atuar, inicialmente, como professor assistente substituto na cadeira de parasitologia da Faculdade de Medicina da USP, onde, em 1961, foi aprovado no concurso para livre-docente.

Na pesquisa, o foco de Rey eram os inquéritos epidemiológicos: ia a campo conhecer os problemas e compreender o porquê das doenças. Em 1958, estudantes pediram que ele os acompanhasse em um inquérito no Mato Grosso, durante as férias. Batizada de Primeira Bandeira Científica da Faculdade de Medicina da USP, a excursão foi um sucesso.

Em 1959, Rey – com toda a família no carro – orientou os alunos em outra bandeira científica, em Pernambuco. Já em 1962, o destino foi o Rio Grande do Sul. “Até a sogra ele levou para o sul. Minha mãe, as crianças e eu ficamos na praia de Torres enquanto eles faziam as pesquisas”, recorda Dora.



Leônidas Deane / Arquivo Pessoaal



Trabalho de campo no Mato Grosso, durante a primeira Bandeira Científica

Os Atos Institucionais

Após o golpe militar de 1964, as bandeiras científicas foram consideradas subversivas. Rey, junto com outros professores da USP, foi demitido pelo Ato Institucional nº 1. “Nossos cargos eram cobiçados e muita gente queria fazer média com os militares”, retruca. O processo foi parar na Justiça Militar e o promotor solicitou a prisão preventiva dos indiciados.

Rey, então, foi para Venezuela e hospedou-se na casa de um ex-aluno. Pouco depois, ele e a família seguiram para o México, onde atuaria na Escuela de Ciencias Biológicas do Instituto Politécnico Nacional. Rey chegou a organizar uma bandeira científica com os alunos do México. “Teria ficado o resto da vida, se não fossem os colegas do Brasil insistindo para eu retornar”, confessa.

Em 1968, regressou para a Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP, mas, no ano seguinte, foi novamente demitido, com base no Ato Institucional nº 5. “O ministro da Justiça havia sido reitor da USP e queria para si o controle da universidade. Nessa confusão, fui mandado embora de novo. Os alunos gostavam muito da gente, mas os reacionários não”, afirma.

O médico, então, prestava consultorias e dedicava-se ao livro de parasitologia, até que um colega também demitido da USP foi preso. Ao saber que a polícia também planejava pegá-lo, Rey fugiu para Paris, onde foi recebido por outro ex-professor da universidade.

Rumo à OMS

Embora Rey já negociasse um posto na Organização Mundial de Saúde (OMS), chegou à Europa sem o contrato fechado. A OMS precisava de um técnico para o controle da esquistossomíase na Tunísia, onde as endemias constituíam obstáculos ao turismo. Rey foi à OMS em Genebra saber de seu contrato. Os papéis estavam lá, mas acharam esquisito ele aparecer sem ser chamado. “Banquei o turista. Dis-



Na Arábia Saudita, como consultor da Organização Mundial da Saúde

se que estava de passagem e aproveitara para saber como ia a documentação”, diverte-se. Só faltava uma entrevista, feita na hora. Em 1970, Rey instalou-se na Tunísia, com a família.

Contudo, assustou-se ao conhecer a área endêmica naquele país. “Eu estava no deserto e a esquistossomíase dava nos oásis. Aquilo era totalmente novo para mim”, desabafa. O tipo da doença era outro – esquistossomíase urinária – e a cultura também era diferente. Uma das preocupações do médico foi formar uma equipe só com gente do local, entrosada com a comunidade.

O médico, cujo trabalho levou à eliminação da endemia na Tunísia, deixou aquele país em 1974, mas voltava lá anualmente, para avaliar o programa. “A equipe local sabia o que fazer. Não apareceu nenhum novo caso originário da região”, atesta Rey, que fez a última avaliação na década de 90.

Rey tem, na ponta da língua, a explicação de por que o êxito da Tunísia não se repete no Brasil. “Na

Tunísia, havia o interesse do governo central, um bom serviço de saúde em todo o lugar e pessoal da comunidade trabalhando. No Brasil, saúde não é prioridade, os serviços só funcionam na sede dos municípios e recrutar gente do local é complicado. E isso sem contar que discordo do método diagnóstico usado aqui”, enfatiza.

O trabalho que Rey desenvolveu na Tunísia foi muito importante, não resta dúvida. “Mas eu não diria que isso foi a coisa maior da vida do Rey. O conjunto de sua obra supera”, garante Coura. “O conjunto da pessoa e da obra”, corrige. “O Rey é um professor completo, além de uma pessoa de convivência excelente, sempre alegre e disposto a cooperar”, elogia.

Após a experiência na Tunísia, Rey assumiu um posto na Divisão de Malária e Doenças Parasitárias da OMS em Genebra. Ao completar 60 anos, teve que se aposentar, por regra da organização. Mas, como não parava de receber solicitações de assessoria, aposentou-se e foi logo contratado como consultor.

No período em que trabalhou na OMS em Genebra, Rey veio a serviço ao Brasil duas vezes e, sobretudo na primeira, quando fez consultoria para o Programa Especial de Controle da Esquistossomíase (Pece), ainda encontrou um clima de tensão no país. Ao longo de sua carreira, Rey participou de uma variedade de missões internacionais. “Sempre viajei muito. Onde não fui a trabalho, fui como turista. São raríssimos os países da Europa que não visitei. Conheço mais da metade da África. América Latina e Caribe, então, nem se fala”, resume. Depois de Genebra, Rey e Dora moraram por pouco mais de três anos em Moçambique, onde ele esteve à frente do Instituto Nacional de Saúde. “Rey é um pesquisador do mundo”, resume Coura.

Enfim, na Fiocruz

Nessa época, o Supremo Tribunal Federal, após 15 anos de processo, já havia anulado a demissão de Rey da USP, mas ele não voltou para a universidade. Seu próximo endereço profissional seria a Fiocruz, inicialmente como chefe do Departamento de Helmin-tologia do IOC, na década de 80.

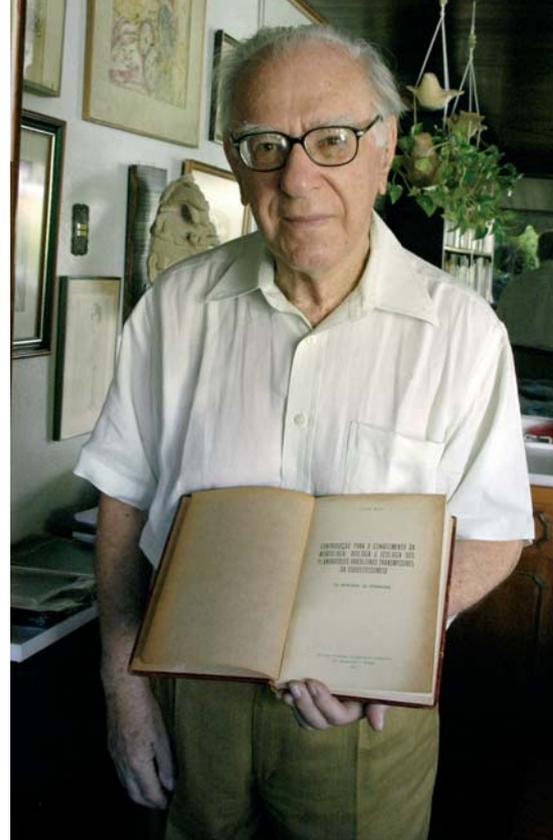
“Eu conhecia o Rey desde quando ele era do grupo do Pessoa, na USP. Depois, fui de um comitê de epidemiologia de doença de Chagas da OMS e, sistematicamente, visitava o Rey em Genebra. Quando vim para a Fiocruz,

a instituição precisava ser repovoada. Trouxemos boas cabeças para cá e uma delas foi o Rey”, conta Coura.

Quando Sergio Arouca assumiu a Presidência da Fiocruz, chamou Rey para dirigir o Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS). “Vesti a camisa, embora não fosse minha especialidade”, pondera. Para agilizar o trabalho, substituiu a datilografia por um computador central com terminais na recepção e nos laboratórios, além de ter investido – e muito – no treinamento da equipe. “Em pouco tempo, o número de laudos mais do que dobrou”, orgulha-se. Coura concorda que Rey fez um excelente trabalho. “Homem internacional e pacífico, Rey conseguiu equilibrar o instituto. A vinda dele foi uma enorme sorte para a Fiocruz”, avalia.

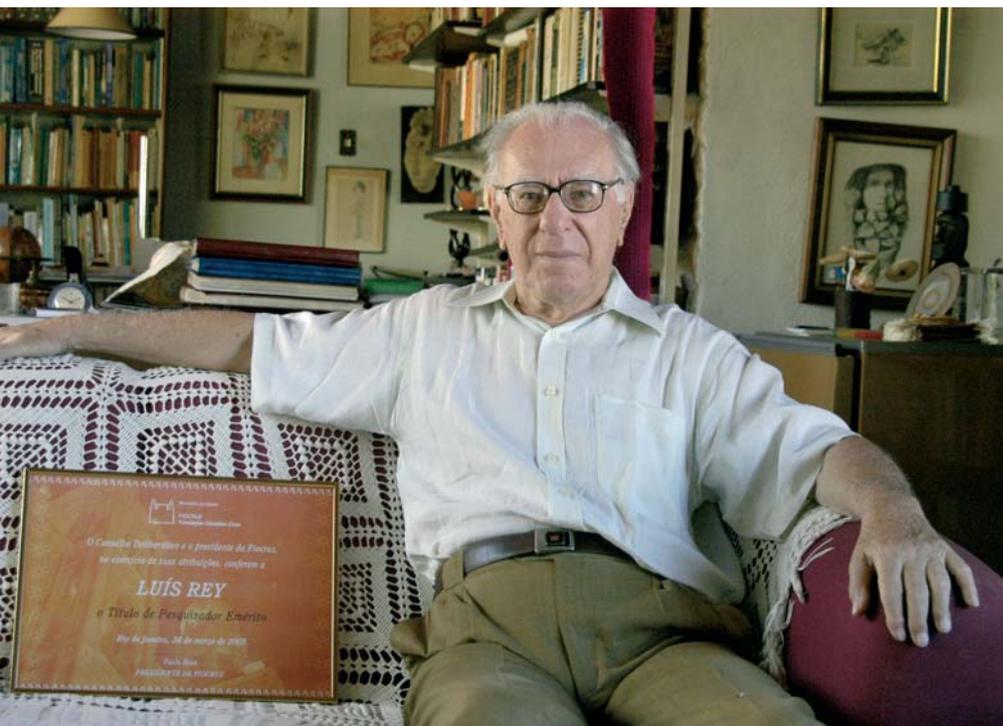
Ao considerar sua missão cumprida no INCQS, manteve a chefia do Departamento de Biologia do IOC, mas teria que deixá-la, visto que a Constituição de 1988 determinara a aposentadoria compulsória de funcionários públicos com mais de 70 anos. Contudo, não estava nos seus planos sair da Fiocruz.

Continuou orientando jovens pesquisadores e participando de estudos – até 1990, no Departamento de Biologia e, depois, no Departamento de Medicina Tropical. Neste funciona o Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios, antigo Laboratório de Biologia e Controle da Esquistossomose, fundado por Rey.



Rey exhibe sua tese de doutorado, publicada em 1956

Além de uma carreira profissional invejável, ao lado de Dora, Rey construiu numerosas amizades e uma bela família. São três filhos médicos (Heloísa em Brasília, Luís Carlos em Fortaleza e Clara no Rio) e oito netos – três no Rio, dois em São Paulo, dois na Venezuela e um na Suíça. Rey e Dora ainda não têm bisnetos. “Foram oito netos homens. Agora poderia vir uma bisnetinha”, derrete-se ele, que em março de 2008 completará nove décadas de uma vida nada monótona. 🌸



Rey posa ao lado do diploma de Pesquisador Emérito da Fiocruz